Duas Paginas Dos Quatorze Annos: Poesias Por Abilio Guerra Junqueiro

Abílio Manuel Guerra Junqueiro

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Duas Paginas Dos Quatorze Annos: Poesias Por Abilio Guerra Junqueiro

Abílio Manuel Guerra Junqueiro

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Tiago Tejo

DUAS PAGINAS

DOS QUATORZE ANNOS

POESIAS

POR

Abilio Guerra Junqueiro

COIMBRA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1864

A

SEU PRIMO

MANUEL GUERRA TENREIRO JUNIOR

em testimunho de eterna amizade

O.

O Auctor.

Meu caro Manuel

Talvez julgasses encontrar aqui uma longa

carta em linguagem empolada, fallando-te de
muita cousa bonita, mas de que tu nada entendesses;
pois estás completamente enganado.

Dir-te-hei sómente que, escrevendo estas poucas
linhas, nada mais intentei, que dar-te uma
prova, ainda que debil, da minha sincera amizade.

Teu do coração

Abilio Guerra Junqueiro.

A MINHA MÃE

Quem me déra voar aonde agora
Me leva o pensamento!
Iria aos braços teus buscar allivio
Á dor que me devora!
Iria juncto a ti viver feliz
Como vivêra outr'ora!

A MEUS MANOS

Prouvéra a Deus, que eu podesse,
Atravessando os espaços,
Ir fazer-vos mil carinhos,
Cingir-vos em doces laços;

Cobrir-vos-hia de beijos,
Mitigando a minha dor:
Oh! então mostrar-vos-hia

Quão intenso o meu amor!

Mas são projectos baldados
Estes que n'um sonho eu vi;
Recebei pois a saudade
Que ora vos mando d'aqui.

Á MORTE DE MINHA PRIMA D.J. ERNESTINA

Ainsi tombe une fleur avant le temps fanée. LAMARTINE--_Medit_.

Ceifou-te a morte no verdor dos annos,
Innocente bonina; e quando então,
Tão candida e tão bella despontavas,
Tão linda e terna como os anjos são!

Da vida o livro mal aberto tinhas,
Entre os dedos a página da morte,
Sem sentir te apparece de repente:
Assi Deus decretou a tua sorte.

Os anjos, invejando-te a candura,
D'este arido deserto te hão levado;
Temeram se manchasse um coração
De tamanhas virtudes inspirado!

Á MORTE DO MEU AMIGO A. P. DE MELLO

Eu choro, amigo, eu choro ao ver-te assim
Roubado pela morte ao mundo, á vida;
Ai! que transe cruel, que dor sem fim

Soffrendo está minh'alma enternecida!

Da amizade antes nunca os doces laços
Os nossos corações viesse unir,
Se te havias de ir cedo dos meus braços,
Se tão breve me havias de fugir!

Antes nunca... que não poderei eu
A ventura sem ti jámais achar!
Perdido o leme e o rumo ao barco seu,
Como é que póde o nauta navegar?...

Morreste, e nada tenho já commigo!
Esp'ranças, illusões, sonhos ditosos
D'esses meus dias de prazer, de gosos
Voaram todos para Deus comtigo.

A UM AMIGO

Vivo triste, sempre dado
Ao martyrio, á dor, ao pranto:
A vida, por meu mau fado,
Não tem para mim encanto!

Nasci p'ra ser desditoso,
P'ra ser feliz não nasci;
Uma esp'rança, um sonho, um gôzo
Nunca n'alma conheci!

Mas dá-me a tua amizade,
Que, sendo tu meu amigo,

Póde ser que a f'licidade
Venha ainda ter commigo.

NÃO CHORES

'Stás tão triste, coitadinha,
Ai! fazes-me entristecer;
Nos teus olhos 'stou a ler
Que dor cruel te definha!

Oh! não chores, que se a vida
Te ha sido tão desditosa,
Outra já bem venturosa
Espera por ti, ó q'rida:

As tristes pungentes dores
Do teu terno coração,
Lá no ceu se tornarão
Inda n'outras tantas flores!

Houve tempo

Houve tempo, em que feliz
Vive alegre, ditoso:
Então passava meus dias
Sempre, sempre venturoso;

Houve tempo, em que este mundo
Julgava sómente ser
Esse espaço, que meus olhos
Podiam só abranger.

E o tempo destruidor,
Em troca d'essas venturas
E das minhas illusões,
Deu-me só mil amarguras.

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com